

NOVAS FRONTEIRAS MUNDIAIS E AS TEICOPOLÍTICAS NA ÁSIA CENTRAL: O CASO ENTRE QUIRGUISTÃO E TADJIQUISTÃO

Jonathan Christian Dias dos Santos¹

Resumo: Após a Guerra Fria surgiram quinze novos países no mapa mundial fruto do rompimento territorial da União Soviética, cada qual com suas particularidades e desafios para que conseguissem se estabelecer no novo arranjo político-econômico do qual hoje fazem parte. Ao mesmo tempo, enquanto o termo “globalização” ganha destaque e parece guiar as relações entre Estados, o que observamos no começo do século XXI foi justamente um reforço das fronteiras e das políticas de contenção migratórias, as chamadas teicopolíticas, sobretudo, após os acontecimentos de setembro de 2001. Como observamos esse acirramento das fronteiras no antigo espaço-soviético? Quais são as principais causas para o emprego das teicopolíticas na Ásia Central? Como elas são aplicadas?

Palavras-chave: Geografia Política, Teicopolítica, Ásia Central.

NEW WORLD BORDERS AND TEICOPOLITICS IN CENTRAL ASIA: THE CASE BETWEEN KYRGYZSTAN AND TAJIKISTAN

Abstract: After the Cold War fifteen new countries had appeared on the world map as a result of the Soviet Union's territorial breakup, each with its own particularities and challenges to establish itself in the new political-economic arrangement of which they are now part. At the same time, while the term "globalization" stands out and seems to guide relations between states, what we observed at the beginning of the 21st century was precisely a strengthening of the borders and policies of immigration containment, the so-called teicopolitics, especially after the events of September 2001. How do we observe this fierce border in the former Soviet space? What are the main causes for the use of teicopolitics in Central Asia? How are they applied?

Keywords: Political geography, Teicopolitics, Central Asia.

NUEVAS FRONTERAS MUNDIALES Y LAS TEICOPOLÍTICAS EN ASIA CENTRAL: EL CASO ENTRE KIRGUISTÁN Y TAYIKISTÁN

Resumen: Después de la Guerra Fría surgieron quince nuevos países en el mapa mundial fruto del rompimiento territorial de la Unión Soviética, cada cual con sus particularidades y desafíos para que consiguieran establecerse en el nuevo arreglo político-económico del que hoy forman parte. Al mismo tiempo, mientras que el término "globalización" se destaca y parece guiar las relaciones entre Estados, lo que observamos a principio del siglo XXI fue precisamente un fortalecimiento de las fronteras y de las políticas de contención migratorias, las llamadas teicopolíticas, sobre todo después de los acontecimientos de septiembre de 2001. ¿Cómo observamos este estrechamiento de las fronteras en el antiguo espacio soviético? ¿Cuáles son las principales causas de empleo de las teicopolíticas en Asia Central? ¿Cómo se aplican?

Palabras clave: Geografía Política, Teicopolítica, Asia Central.

¹ Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de Bolsa através do Programa de Demanda Social (DS) e que possibilitou a realização deste estudo.

O autor é mestrando em Geografia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Introdução

No final do mês de abril de 2021, eclodiu na fronteira entre a República Quirguiz e a República do Tadjiquistão mais um conflito armado tendo como *background* uma disputa territorial entre estes dois países e que se generalizaram por toda a Ásia Central, especialmente após o fim da União Soviética, no final do século passado. Dentre os principais fatores que devem ser considerados para elucidar estes conflitos estão demarcações fronteiriças que não respeitam as heranças e singularidades sociais, econômicas e culturais de cada país, assim como, a existência de enclaves e périclaves². Estes aspectos, associados aos desgastes sociais e econômicos específicos da região centro-asiática, tornam latejantes as tensões nas áreas de fronteira entre estes países.

Tais conflitos também exteriorizam como a fronteira passou a ter um valor ainda mais significativo no século XXI. Entre o final do século passado e o início do atual, a ordem internacional passou de uma estrutura global unipolar para multipolar (crescimento da China fazendo frente a hegemonia econômica dos Estados Unidos da América), ainda que reforçando uma política militar e de defesa global quase unipolar, sob a égide estadunidense.

Ao mesmo passo em que o avanço da globalização fez muitos acreditarem que viveríamos em um mundo sem fronteira (“*Borderless World*”) ou até mesmo em uma “cidade planetária” (CATAIA, 2013). Entretanto, o que observamos empiricamente é um movimento contraditório: as fronteiras gradualmente se fortificaram e cada vez mais se tornaram imprescindíveis para o controle territorial dos países. Prova disso são as recentes políticas adotadas por países como os Estados Unidos, Israel e República Dominicana, com a construção e/ou reforço de muros em área de fronteiras. Igualmente devemos nos recordar das posturas anti-imigratórias adotadas por países do continente europeu com a recente onda migratória global estimulada pelas crises sociais, econômicas e estatais na África Setentrional e no Oriente Médio.

² Segundo Sanguin (1975, p.8) périclave seria a “parte de um território não separada do território nacional, mas que não pode ser alcançada sem atravessar um território estrangeiro”.

Deste modo, os conflitos de fronteira recrudesceram na nova ordem internacional, e trouxeram uma reconfiguração territorial do mundo contemporâneo. Tais políticas, podem ser compreendidas por aquilo que Rosière (2012) denomina como “Teicopolítica”. O que são essas teicopolíticas? Como elas impactam os territórios e, por fim, como podemos observar essas teicopolíticas no espaço centro-asiático, uma região que teve sua configuração fronteiriça estabelecida relativamente recente, datada do final do século XX?

Destarte, o presente artigo tem por objetivo demonstrar como podemos observar as teicopolíticas nas fronteiras da Ásia Central, especificamente, entre o Quirguistão e o Tadjiquistão, assim como o seu efeito territorial. Portanto, dividiremos o texto em três partes, onde: primeiramente, explicaremos a ideia de teicopolítica e os seus elementos analíticos; posteriormente realizaremos uma contextualização do recente conflito entre os países centro-asiáticos, principal recorte espacial do texto, e as teicopolíticas por ele expostas; e por último, as considerações finais.

1. O que são Teicopolíticas?

As teicopolíticas são definidas como “políticas de contenção baseadas na construção de muros ou barreiras” (ROSIÈRE, 2015, p.369). Ou seja, teicopolíticas são as ações de cercamento e proteção do território, mas que não necessariamente são realizadas exclusivamente pelos Estados. Por exemplo: os condomínios residenciais dos grandes centros urbanos brasileiros possuem uma política de controle sobre quem entra e quem sai de suas dependências, solidificando uma teicopolítica. Outra característica é que as teicopolíticas são multiescalares, e estão presentes em níveis mundial, nacional e/ou local.

Os países aplicam as teicopolíticas em seus limites territoriais, ou seja, nas fronteiras. A ideia de fronteira, possui inúmeras dimensões e significados, podendo ir de uma noção política-estatal até simbólica (BAUDER, 2016). De todo modo, Lia Osório Machado nos sugere que a fronteira surge

(...)como um fenômeno da vida social espontânea, indicando a margem do mundo habitado. Na medida que os padrões de civilização foram se desenvolvendo acima do nível de subsistência,

as fronteiras entre ecúmenos tornaram-se lugares de comunicação e, por conseguinte, adquiriram um caráter político. (MACHADO, 1998, p.42).

Contudo, Rosière aponta que este controle exercido pelos Estados em suas fronteiras, não atinge de forma equitativa o que ele classifica como fluxos da mundialização, isto é, os fluxos financeiros, de produtos e de humanos. Para o geógrafo, cada um destes fluxos recebe um tratamento específico pelas teicopolíticas impostas pelos países em suas espacialidades. O fluxo financeiro, composto por investimentos estrangeiros, tem o seu caminho de circulação totalmente livre. Por outro lado, os fluxos de produtos e de humanos são condicionados a algumas regras, sendo ainda mais restrita a circulação de sujeitos, que ele classifica como cidadania *business-class* (turistas, empresários) e *lowcost* (imigrante pobre e indesejado) (ROSIÈRE, 2015).

Apesar do autor considerar o fechamento de fronteiras um fenômeno complexo para medição, uma vez que as fronteiras não são inertes e estão em constantes modificações, ele ainda nos fornece algumas dimensões sobre o que podemos considerar como barreiras impostas pelas teicopolíticas, e de que forma elas se concretizam no território. A primeira dimensão é a morfológica (cercas, arame farpado), depois a dimensão tecnológica (câmeras, sensores, radares, etc), e ainda a dimensão administrativa (vistos, restrições burocráticas) e a humana (dispositivos que causam letalidades ao invasor, como campos minados, e são mais presentes em linhas de frente, ou seja, zonas de conflito) (ROSIÈRE, 2015).

Outrossim, baseando-se nas proposições de Arnaud Cusinier Raynal (2001), Rosière ainda nos apresenta quatro tipologias das “barreiras” fronteiriças: marca (geralmente em locais sem passagens fronteiriças entre os países, como, por exemplo, entre a Colômbia e o Panamá), cerca e muro (que se constituem como obstáculos entre dois territórios e também são auxiliados pela dimensão tecnológica), frente (caracterizada pelo não-reconhecimento do traçado da fronteira e pelo congelamento temporário da linha de demarcação) e estreito (passagens naturais que podem ser fechadas ou são extremamente vigiadas).

Ainda podemos apontar que essas teicopolíticas, bem como suas dimensões, fornecem espaços para uma teicoeconomia, que seria a “economia da construção e da gestão dos “muros” – gerada pelo poder público. As teicopolíticas nas fronteiras envolvem sempre o Estado cuja soberania elas protegem” (ROSIÈRE, 2015, p.380).

Apesar de Rosière crer e apresentar dados de que as barreiras fronteiriças servem mais como um filtro para o controle do fluxo humano, do que uma demarcação em zona de tensão militar, o que fica claro a partir do conceito exposto nos parágrafos acima, é que as barreiras, mundialmente impostas, possuem diversificadas formas de conter uma ameaça indesejada ao território que defendem. Para além de uma política de proteção territorial (ou de estabelecer uma nova forma de poder nele e dos sujeitos no seu interior), tais teicopolíticas também são partes importantes que conflagram as tensões e conflitos territoriais que podem alterar a estabilidade e as formas espaciais.

2. As tensões nas fronteiras centro-asiáticas e as consequências das teicopolíticas: o caso entre o Quirguistão e o Tadjiquistão

Como vimos anteriormente, as fronteiras possuem múltiplos significados. Essa variação no entendimento do que representa uma fronteira é observada quando analisamos a aceção que o território possui para cada grupo e/ou sujeito. Para um grupo indígena na Região Norte do Brasil, as fronteiras político-administrativas entre dois países podem não ter o mesmo significado que possui para o poder central, visto que para circular entre a sua aldeia e uma aldeia vizinha, e também pela sua forma de organização territorial, o indígena possa ter que cruzar esses marcos fronteiriços estabelecidos pelos governos sem considerar as regras impostas.

Podemos ter uma linha de pensamento semelhante quando abordamos as fronteiras na Ásia Central. Os povos de grande mobilidade territorial que habitaram e estabeleceram suas primeiras relações com esse espaço na antiguidade, deixaram uma vasta herança cultural espalhada por toda a região, o que promove até hoje uma grande movimentação das diferentes nacionalidades entre os países que fizeram outrora parte do bloco

soviético. Portanto, não é incomum ver determinada cidade com uma forte influência cultural e linguística distinta ao país onde está administrativamente atrelada. Delimitada por Josef Stalin, no século passado, as fronteiras na região foram executadas sem contemplar um alinhamento muito coerente com a distribuição cultural e social dos habitantes. A criação de rótulos para as etnias que ocupavam a Ásia Central, durante o período soviético, como aponta Khalid (2001, p. 145-146), “era o produto de uma complexa política envolvendo a delimitação de fronteiras tanto de inclusão quanto de exclusão”.

Aqui cabe um *Intermezzo*: não temos páginas o suficiente para discorrer extensamente sobre isso, porém, cabe ressaltar que a composição da projeção cartográfica exposta no parágrafo anterior provocou, se considerarmos a noção de lugar proposta por Agnew (1987) como uma mescla da localização, do local e de senso de lugar, uma profunda ruptura identitária que com o avanço das gerações apresentaram uma propensão ao degradamento das conexões ali estabelecidas. Veremos mais adiante que essa fenda oprimente também gerou certa influência sobre as teicopolíticas que se revelaram na Ásia Central.

FIGURA 1 – Fronteira entre Quirguistão e Tadjiquistão



Fonte: Elaboração do autor.

Essa política cartográfica colaborou na criação de enclaves por toda a Ásia Central, que durante os anos de existência da União Soviética ficou latente, uma vez que as populações ainda conseguiam se movimentar com alguma independência³entre os territórios que hoje são entidades nacionais próprias, mas que naquele momento, estavam sob a supervisão de Moscou. Os primeiros sinais de que não apenas a Ásia Central, mas também o Cáucaso, se tornariam grandes espaços de tensões nacionalistas, surgiram no final dos anos oitenta e aumentou gradativamente com o processo de desintegração da área soviética, quando novos Estados surgiram, e a configuração global do ordenamento territorial se modificou. Já no final da Guerra Fria tivemos casos de tensão entre Quirguistão e Uzbequistão, em 1990, e as revoltas de Dushanbe, também no mesmo ano.

O Quirguistão e o Tadjiquistão possuem uma fronteira de 984 km, segundo o *CIA World Factbook*. A agência de estatísticas do Quirguistão diz que no país vivem cerca de 58.913 tadjiques⁴. O conflito acontecido no dia 28 de abril de 2021, o mais letal ocorrido entre os dois países nos últimos anos, ocasionou a evacuação de 40.000 cidadãos e a morte de 36 pessoas no Quirguistão, e 19 no Tadjiquistão (55 vítimas no total). Mas não foi o primeiro, e muito provavelmente não será o último. De acordo com Kurmanalieva (2019), conflitos fronteiriços entre o Quirguistão e o Tadjiquistão já se arrastam pelo menos desde 2004 (e ocorreram também em 2005, 2008, 2011, 2014, 2015, 2019 e 2020). As negociações pela definição das fronteiras começaram dois anos antes do primeiro conflito, em 2002.

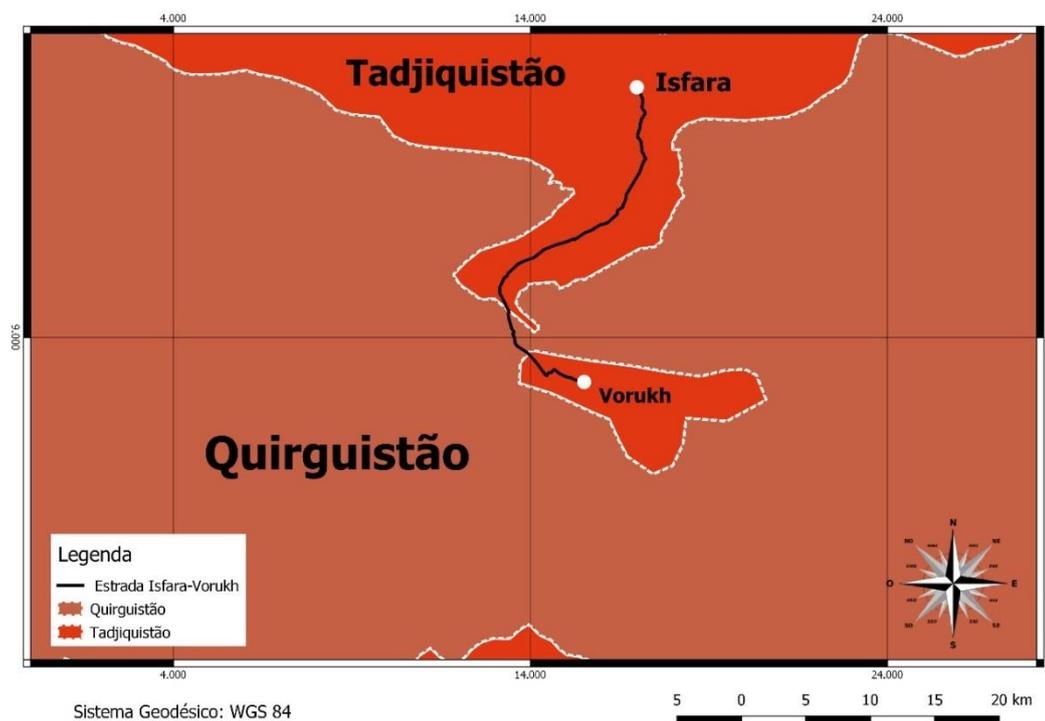
Segundo a autora, desde então, mais de setenta incidentes fronteiriços foram registrados no decorrer dos últimos anos (KURMANALIEVA, 2019). Um destes incidentes, a título de exemplo, ocorreu em 2019 quando habitantes do enclave tadjique de Voruhk colocaram bandeiras tadjiques na rodovia Isfara-

³ É importante ressaltar que durante o regime soviético, os habitantes das repúblicas soviéticas tinham uma espécie de passaporte para trânsito interno entre os países do bloco, o chamado *Propiska*.

⁴ Total population by nationality. National Statistical Committee of the Kyrgyz Republic. Disponível em: <http://www.stat.kg/en/opendata/category/312/> - acesso em: 08 mai.2021

Voruk, que liga o enclave tadjique, localizado em território quirguiz, até a fronteira do Tadjiquistão (ver figura 2). Para o mesmo incidente, é existente a versão em que os quirguízes teriam feito a tentativa de instalação de uma placa, com o nome do vilarejo vizinho e quirguiz, Ak-Sai, em Voruhk, portanto, em território tadjique.

FIGURA 2 – Localização do enclave tadjique Vorukh, em território quirguiz, e a rodovia que o liga até o Tadjiquistão



Fonte: Elaboração do autor.

Além das questões culturais que se arrastam por anos, outros fatores que contribuem para a eclosão destes conflitos envolvem a disputa por estruturas e recursos, especialmente o hídrico, utilizado para a irrigação de terras. Múltiplas conexões e linhas de distribuição água, energia e afins, construídas durante os anos soviéticos, servem muitas vezes, a mais de um país simultaneamente. O imbróglio pós-soviético no entorno dessas rotas de abastecimento, reside no fato de que em algumas ocasiões a construção destas redes foram financiadas por um país, porém, estão posicionadas nos

limites territoriais de outro. Portanto, após 1991, quando as novas fronteiras foram definidas, por efeito, deu-se início uma série de desavenças em razão destas infraestruturas. Essas disputas influenciam diretamente na demarcação fronteiriça (incompleta) entre os países, e nos permitem visualizar as teicopolíticas adotadas por esses Estados recém-criados.

O marco da fronteira Quirguiz-Tadjique, com recursos e redes de infraestruturas incorporadas no território competido, é essencialmente marcado por uma teicopolítica de dimensão administrativa com cercas e muros. Ainda que ambos os países façam parte de blocos de cooperação como a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), a Organização para Cooperação de Xangai (OCX), e também da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), nos pontos de passagem entre os dois países encontram-se *checkpoints* para autorizar o trânsito de indivíduos e produtos que circulam entre ambos os espaços. Mas, essa fronteira não é apenas caracterizada pela sua essência administrativa; em momentos de maior tensão ela também representa o cercamento dos espaços e da soberania nacional.

Conjuntamente ao caráter burocrático, é possível notar uma teicopolítica que Rosière consideraria tipologicamente como frente, adotada pelos dois países. Isto significa, o não-reconhecimento do traçado da fronteira e o congelamento temporário da linha de demarcação. Não à toa, são registrados com certa regularidade, tiroteios nessas áreas de territórios compartilhado entre Quirguistão e Tadjiquistão. Em anos anteriores também foram registrados conflitos armados; e uma amostra disso ocorreu em maio de 2020, quando dois incidentes envolvendo armas de fogo foram registrados nestes espaços com apenas duas semanas de diferença. Isto ocorre visto que os sujeitos usam os territórios em disputa e sem um limite muito bem definido, para fins econômicos e de sustento, realizando atividades pastoril e agrícola.

Além disso, também foram registrados, com alguma constância, exercícios militares realizados nestas regiões. Obviamente, esses exercícios não possuem como objetivo desencadear um conflito entre os vizinhos, já que a estabilidade da região é essencial tanto para a Rússia, quanto para a China e Índia. Porém, eles servem para demonstração de força e presença em pontos estrategicamente vitais do páreo territorial travado pelos atores estatais. A

título de exemplo, uma semana antes dos recentes acontecimentos, Tadjiquistão e Rússia conduziram um treinamento militar na fronteira tadjique⁵. O recente conflito é mais um caso análogo que ratifica essa teicopolítica de frente. As agressões começaram a partir de uma troca de tiros entre as tropas das forças armadas dos dois países, após um grande desentendimento entre os habitantes da região fronteiriça sobre um bem público vital para o sustento e manutenção da vida: a água.

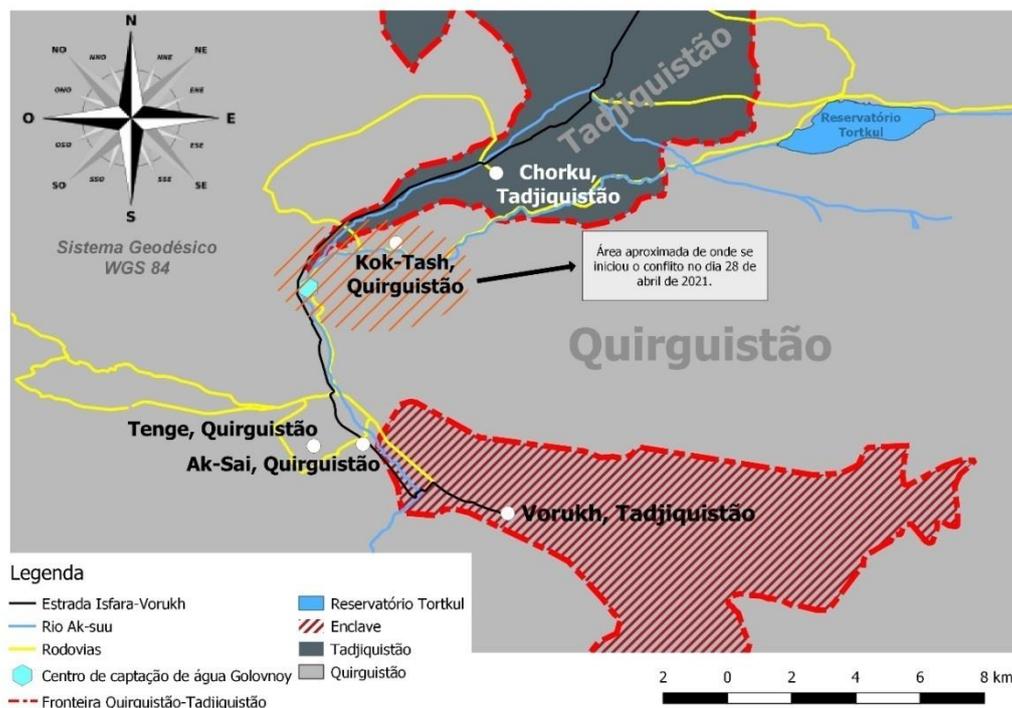
Segundo reportou a mídia local, a tensão teria iniciado na noite do dia 28 de abril, quando moradores de Kok-Tash, no Quirguistão, tentaram retirar o sistema de vigilância instalado por tadjiques nas dependências de uma estrutura de distribuição hídrica localizada no interior do vilarejo e que está conectado ao centro de captação Golovnoy (reivindicado por ambos os países), posicionado próximo à fronteira, mais precisamente nas margens do rio Ak-Suu (ver figura 3). Rapidamente a situação evoluiu até que no dia seguinte foram realizados os primeiros disparos pelas forças especiais, envolvendo armas e carros blindados.

Foi uma questão cultural e de cunho nacionalista? Foi a disputa por recursos naturais e suas redes de abastecimento? Estes fatores certamente contribuíram para esse advento recente. No começo do mesmo mês em que estourou o evento, a mesma região já havia sido foco de debates acalorados entre os governantes. Em março, o chefe do Serviço de Segurança Nacional do Quirguistão sugeriu que o Tadjiquistão entregasse o enclave de Vorkuh para o país, e em troca Bishkek poderia ceder algumas terras próximas à fronteira (PUTZ, 2021).

A ideia obviamente foi rejeitada por Emomali Rahmon, presidente do Tadjiquistão, que em seguida às declarações, realizou uma visita ao enclave. Além disso, nos dias que antecederam a violência generalizada, a mesma rede de distribuição de água já havia sido foco de problema entre os dois países. Os quirguízes começaram a fazer reparos na estrutura, e descontentes, o lado tadjique realizou a instalação das câmeras de vigilância.

⁵ Tajikistan, Russia complete joint large-scale military drills. Azernews. Disponível em: <https://www.azernews.az/region/178338.html> - Acesso em: 8 mai.2021

FIGURA 3 – Área do recente conflito entre Quirguistão e Tadjiquistão



Fonte: Elaboração do autor.

Após os conflitos, que envolveram até mesmo o lançamento de morteiros, as teicopolíticas postas em prática cessaram a mobilidade entre os territórios de ambos os atores envolvidos, impondo uma restrição no deslocamento entre os fluxos que circulam por aqueles espaços. Essas teicopolíticas também demonstram o valor geoestratégico que a região possui. A reação imediata tanto dos vizinhos Uzbequistão e Cazaquistão, assim como da Rússia, foi de incentivar a mediação do conflito para que os países chegassem a um acordo. No dia 01 de maio, Quirguistão e Tadjiquistão anunciaram um cessar-fogo e a criação de um comitê para a resolução do conflito e demarcações de suas fronteiras⁶.

⁶ Kyrgyzstan, Tajikistan agree new ceasefire after border clashes. Al Jazeera. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/5/1/kyrgyzstan-accuses-tajikistan-of-amassing-troops-near-border> - Acesso em: 10 mai.2021.

Entretanto, essas tentativas de resolução de conflitos e criação de comitês se estendem por décadas, o que tornam estes espaços, à medida que se registram novos conflitos, alguns mais violentos e perigosos para os sujeitos que ali residem. Ademais, é gerada uma preocupação entre os Estados vizinhos que utilizam e dependem dos territórios da Ásia Central, uma zona de fundamental importância para o trânsito mercantil global, e também há o temor de uma amplificação dessas conflagrações para zonas inter-regionais. Estes dois aspectos acabam corroborando o valor que os países centro-asiáticos possuem para a segurança regional.

O resultado desse congelamento das linhas fronteiriças, com mortos e feridos, se efetivou espacialmente na forma de obstáculos militares e bloqueio da fronteira, e na massiva desterritorialização e destruição de moradias dos camponeses que habitam aquela região, incluindo escolas, lojas, postos de gasolinhas e outros estabelecimentos. Tais territórios agora passam a ter outro simbolismo para aqueles que ali habitavam. Se antes eram territórios de subsistência, hoje podem refletir a dor daqueles que estiveram no âmago do enfrentamento e como fruto dele perderam algo, seja em termos materiais (terras) ou humano, bem como se tornam ainda mais fragilizados sobre o senso de lugar que eles representam.

Considerações Finais

Tais tensões e disputas territoriais e/ou por recursos são fruto de uma política fronteiriça mal formulada e fundamentada em uma cartografia desatualizada, que na virada do século foi obrigada a se ressignificar e ter uma nova função dentro do sistema capitalista. Todavia, essas fronteiras, antes disso, precisam ser revistas e bem delimitadas. É necessário um longo processo político, mas que seja bem feito e, que principalmente, haja esforço de ambos os lados para a resolução do impasse. Isso não é impossível: o Cazaquistão conseguiu resolver suas questões de fronteira com a China no final da década de 90, assim como o Uzbequistão também conseguiu, neste ano, após um longo tempo de negociação, resolver suas diferenças em relação à demarcação de fronteira com o Quirguistão.

Os conflitos fronteiriços na Ásia Central, apesar de estarem longe do fim, já tiveram momentos mais críticos. A questão territorial e de fronteiras na região centro-asiática, assim como as teicopolíticas (híbridas, visto que assumem mais de uma dimensão) nelas inseridas, como observamos ao longo do texto, são extremamente agressivas quando acionadas. O que se mostrou óbvio, é que a escalada de tensão prolongada para o restante do território, expôs o quanto as teicopolíticas nas fronteiras centro-asiáticas podem causar um profundo desequilíbrio na região e estabelecem um padrão mais rígido de poder sobre o território e seus recursos. Ao mesmo tempo, também podemos pensar no paradoxo que elas representam: tais teicopolíticas são forças centrifugas que servem também aos atores geopolíticos que circundam a região. Enquanto causam dor e destruição para uma parcela de indivíduos, elas são fundamentais para a manutenção da estabilidade territorial e da soberania de outros agentes estatais.

Para os habitantes dessa fronteira nem sempre as políticas definidas pelos governantes representam seus ensejos. Ainda que isso seja positivo para a configuração e a manutenção das fronteiras nas estratégias do país, as distintas realidades nesses países desenvolvem zonas opacas e que nem sempre são favorecidas pelas decisões formuladas. Na realidade, elas podem ser prejudicadas em muitas ocasiões.

Além da constelação de informações apontadas durante todo o texto, outro fator agravante é o retardamento em esclarecer sobre o último incidente ocorrido. Os países não são claros em divulgar o que de fato ocorreu. O Tadjiquistão, por exemplo, divulgou seus dados finais de mortos e feridos apenas no dia 04 de maio, passados seis dias do primeiro dia de conflitos. Além disso, o acesso à região é difícil, devido a precária condição da infraestrutura rodoviária de ambos os países, o que dificultou a chegada de observadores internacionais e de jornalistas que pudessem transpor informações. O que notamos, logo após uma pequena parte do mundo se interessar pelo ocorrido, foi uma ação coordenada de divulgação e difusão de discursos, principalmente por redes sociais e aplicativos de mensagens (como o Telegram), onde os países trocavam acusações pelo acontecido.

Este episódio serviu para ilustrar um ponto de convergência entre Rosière (2015) e Bauder (2016), quando ambos afirmam que as fronteiras são extremamente letais. De fato, o recente conflito que resultou na perda de 55 vidas, não é tão grande quando comparamos com a onda migratória global, que nos últimos anos tem resultado na morte de milhares de pessoas, mas demonstra que ao contrário do que muitos pensaram no começo do século, o mundo sem fronteiras ainda é uma realidade distante, quase utópica. Os Estados e as suas fronteiras ainda irão aparecer na cartografia moderna por muito tempo, tal qual também poderá cada vez mais se tornar letal e perigoso para aqueles habitantes indesejados.

Referências

AGNEW, John. **Place and Politics**. Londres: Allen & Unwin, 1987.

ASIA-PLUS. Kyrgyzstan reportedly builds border crossing point on the Isfara-Vorukh road. Disponível em: <https://asiaplustj.info/en/news/tajikistan/incidents/20190916/kyrgyzstan-reportedly-builds-border-crossing-point-on-the-isfara-vorukh-road>. Acesso em: 04 mai. 2021

BAUDER, Harald. **Migration Borders Freedom**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2016.

CATAIA, Márcio. Quem tem medo das fronteiras no período da globalização? **Terra Livre**, v.1, n.40, p. 65-80, jun.2013.

CUISINIER-RAYNAL, A. La frontière au Pérou entre fronts et synapses. Paris: **L'Espace Géographique**, vol.30, nº3, pp.213-229, 2001.

KOPYTIN, Yuri. Situation at border: Over 40,000 people evacuated from conflict zone. Disponível em: https://24.kg/english/192886_Situation_at_border_Over_40000_people_evacuated_from_conflict_zone/amp/. Acesso em: 06 mai.2021

KURMANALIEVA, Gulzana. Kyrgyzstan and Tajikistan: Endless Border Conflict. **EUCACIS Online Paper**, n.4, p. 4-10, feb. 2019.

MACHADO, Lia Osório. Limites, Fronteiras e Redes in: T. M. Strohaecker, A. Damiani, N. O. Schaffer, N. Bauth, V. S. Dutra (org.). **Fronteiras e Espaço Global**, AGB-Porto Alegre, Porto Alegre, 1998, p.41-49.

PANNIER, Bruce. Conflict on The Kyrgyz-Tajik Border Moves from Sticks and Stones to Bullets and Bombs. **Radio Free Europe/Radio Liberty**. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/kyrgyzstan-tajikistan-deadly-border-fighting-analysis/31231165.html>. Acesso em: 08 mai.2021

PODOLSKAYA, Darya. Border conflict: No injured among Kyrgyz border guards. Disponível em: https://24.kg/english/153733_Border_conflict_No_injured_among_Kyrgyz_border_guards/. Acesso em: 10 mai.2021

PUTZ, Catherine. Violent Clashes at the Trouble some Kyrgyzstan-Tajikistan Border. **The Diplomat**. Disponível em: <https://thediplomat.com/2021/05/violent-clashes-at-the-troublesome-kyrgyzstan-tajikistan-border/>. Acesso em: 10 mai.2021

SANGUIN, André-Louis. Le concept de poches frontalières: essai de définition et de typologie. **Le Globe**, [s.l.], n.115, p.7-14, 1975. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/globe_03983412_1975_num_115_1_1086#globe_0398-3412_1975_num_115_1_T1_0008_0000. Acesso em: 05 jun.2021

ROSIÈRE, Stéphane. Mundialização e teicopolíticas: análise do fechamento contemporâneo das fronteiras internacionais. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v.42, n.2, p. 369-388, mai.2015.

THE WORLD FACTBOOK. Kyrgyzstan. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/kyrgyzstan/>. Acesso em: 09 mai.2021

Recebido em 13.05.2021.

Publicado em 01.07.2021.